

Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

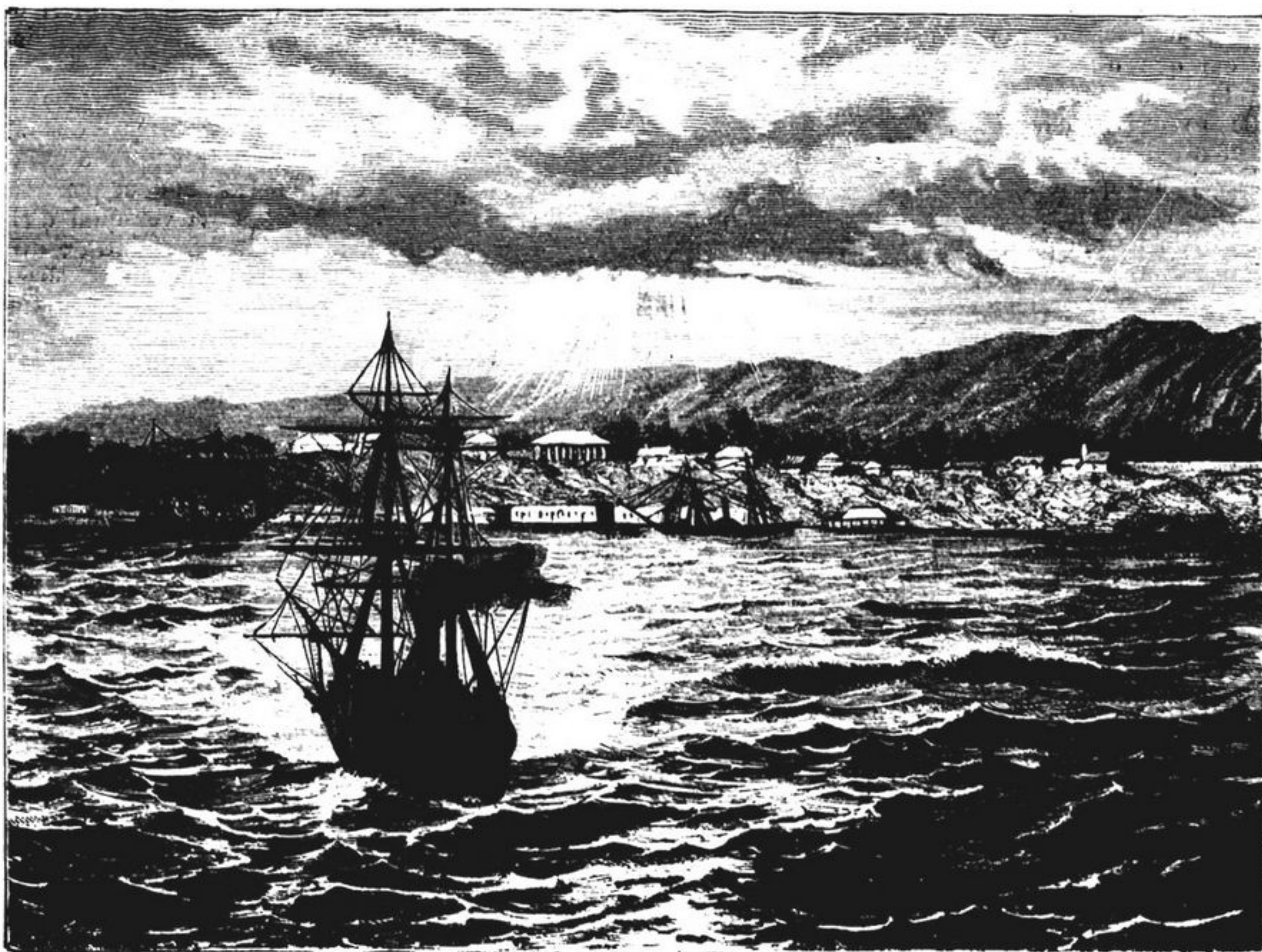
COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Pains; Gervasio Lobato; D. G. Torreão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*Memorias de um marido*, (excerptos), por René Maizeroy;—*A sonhar*, versos, por F. J. Ramos;—

Constantino, rei dos floristas, por Pinheiro Chagas;—*Campestre*, versos, por Eugenio de Castro;—*As nossas gravuras*;—*A dór*, soneto, por Abilio Maia;—*Em familia* (*Passatempos*);—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A autopsia*, conto, traducção de Xavier Leitão.

GRAVURAS:—*Bahia Santa Izabel, na ilha de Fernando-Pó*;—*O Doutor José Moreira da Fonseca*;—*Shishong, na costa d'Africa*;—*Canhoneira "Tamega"*;—*D. Angela Kemp Serrão*;—*Christina da Silva*.



BAHIA SANTA IZABEL, NA ILHA DE FERNANDO-PÓ

CHRONICA

Foi como as outras a semana que passou. Nem muito agitada, nem muito suave: antes pelo contrario, como diria Calino e como seria capaz de dizer o sr. Barros e Sá, n'um dos seus discursos palitados, de procere offenbachiano e judaico.

A mais do que nas semanas preteritas, houve apenas muitas espigas de menos nos trigaes circumvisinhos. A menos, não consta que houvesse absolutamente nada, nem mesmo a semsaboria do costume, uma semsaboria chronica e rebelde, que é fructa de todo o anno n'este abençoado paiz da lorangeira.

E' verdade: continuou a ser discutido o caso Ferreira d'Almeida.

Muito fóra dos habitos indigenas, muito contrariamente ao que é d'uso succeder n'este nosso meio, onde as questões mais graves e os assumptos mais momentosos esquecem ao terceiro dia, o caso da bofetada Almeida-Macedo commenta-se e discute-se ainda em todos os terrenos, desde S. Bento até Santa Apolonia. Nem a espiga da Ascensão fez esquecel-o, nem a outra espiga, bem mais avantajada, dos senhorios, conseguiu arremessal-o para a valla rasa dos incidentes mortos.

Nós somos, *in limine*, por temperamento, por feitiço, por educação, ou pelo que quizerem, inimigos fígadas da bofetada. Achamo-l'a supinamente ordinaria; encaramo-l'a como um acto brutal e malcreadissimo; temos por ella o mais profundo asco e o mais completo desprezo. Entre uma bofetada e um revolver, preferimos fazer uso do revolver, estando perfeitamente d'accordo com o que diziam os nossos avoengos, na sua extrema correção fidalga:—«Bofetada, mão cortada.»

Mas, não obstante a repugnancia instinctiva que nos provoca este producto da má educação hodierna, achamos, em boa verdade, que só uma bofetada sonora e vibrante pode arrancar o paiz ao estado de enervamento lethal em que o mergulhou a mais nociva e a mais podre de todas as pazes. Isto já não vae com tonicos; precisa de revulsivos energicos. Depois do bofetão, o estadulho, e o doente ficará salvo.

Senão, vejam o que ahi acaba de passar-se: um deputado esbofeteou um ministro no seio da representação nacional, e tanto bastou para que Lisboa em peso, que foge a sete pés do parlamento, quando ali se debatem questões magnas, enchesse logo de *fond en comble* as galerias das duas camaras, sentindo em si os fremitos d'um sangue novo, uns pruridos de dar e levar, uns ardores bellicos susceptiveis de grandes commettimentos, de vividos enthusiasmos, de estranhas manifestações guerreiras, de coisas espantosas...

Bastou que um homem erguesse mão aggressiva contra outro homem, no sanctuario onde apenas costumam erguer-se palavras, em vãos mais ou menos rasgados, para que o povinho, o grande enfermo, se sentisse galvanizado, saindo do seu marasmo habitual. E' que as palavras leva-as o vento, enquanto que as bofetadas ficam com quem as leva, como um estygma indelevel. De discursos, anda o indigena farto; mas de pugilatos parlamentares que dôam, que deixem ecbimoses no corpo, não nos consta que a fartura seja grande. Língua, muita lingua, e até ha pouco, mais nada.

Mas o que é que resultou d'aquelle estranho incidente? perguntará o leitor.

O que resultou? Um ministro fóra do poder e um deputado fóra da Camara: um conselheiro da corôa sahido dos conselhos da dita corôa, e um official de marinha encarcerado nos ferros d'el-rei: Dois homens ao mar.

O primeiro, ao menos, teve como premio de consolação a gran-cruz de Christo, para o indemnizar da perda da carruagem ministerial, com o correio a traz a fazer catrapoz, catrapoz, bifurcado n'uma alimaria do Poço do Borratem. O segundo, não teve nada. Quando muito, permittiram-lhe que se transferisse do *Vasco da Gama* para o quartel de marinheiros.

Commentou-se muito por ahi a inoportunidade da concessão d'aquelle venera ao sr. Henrique de Macedo. Mas de todos esses commentarios, registraremos apenas um, em verso, que é realmente engraçadissimo. Firma-o *Vampiro*, o mais humoristico dos nossos gazetiheiros.

Eil-o ahi vae:

De profusão de synonymos
A nossa lingua é dotada;
Ha coisas com varios nomes,
Verbi gratia—a bofetada!

Indicam nomes em barda
Aquelle ataque de mão;
Tambem lhe chamam galheta,
E biscoito, e bofetão,

Tapa-olho, lamparina,
Sopapo, trunfo, latada
Bilhete, estalo, banana,
Solha, bolacha, lambada...

E como fosse ainda pouco
Esta lista já de truz,
Agora, não sei porquê,
Tambem lhe chamam *gran-cruz*!

Delicioso como humorismo, mas pungente e esmagador como ironia, mais esmagador e mais pungente, talvez, que a propria bofetada.

Triste tudo isto, tristissimo!

A analyse das heresias que se têm proferido acerca d'este caso deploravel, e a resenha dos desatinos que se têm praticado, não cabem nos limites de uma chronica: precisavam de um volume. Ora como nós não dispomos de um *in folio* para fazer analyse e registros á farta, limitar-nos-hemos a confessar que o governo, a maioria, a opposição e a imprensa andam positivamente doidos desde o dia 7, apostados em ver qual d'elles dá maior raia e exhibe mais subido numero de dispauteiros.

Querem, por exemplo, saber o que a imprensa ministerial chama em seu auxilio, para *provar* que a prisão do deputado Ferreira de Almeida, effectuada seis horas depois do incidente, se realisou em flagrante delicto? Nada menos do que um accordo do Supremo Tribunal de Justiça, onde se sustenta que, no caso de adulterio, o flagrante delicto subsiste, enquanto subsistir a gravidez adulterina: nove mezes, ou melhor dizendo, nove luas.

Applicando esta jurisprudencia á questão Almeida, os órgãos officiosos do governo são capazes de sustentar que, no caso de bofetada, o flagrante delicto subsiste enquanto a face que a levou estiver intumescida e rubra.

Chamar uma questão de gravidez adulterina em socorro d'uma simples questão de esbofeteamento, é novo, e tem graça. Só se viu coisa assim n'este abençoado vergel onde medram as couves gallegas e pullulam os bachareis formados.

No entretanto, o deputado Almeida continúa preso, sem culpa formada e sem intimação de culpa, á ordem do governo. O paiz commenta, mas o paiz é um grandissimo idiota. Ninguém faz caso d'elle.

SANTILHANA.

MEMÓRIAS DE UM MARIDO

(EXCERPTOS)

... Até onde me arrastará este declive que eu não tenho a coragem de tornar a subir e como cheguei eu a este grau de baixesa, a esta espionagem anonyma e degradante, que me avilta e me deshonra?

Um ser novo, que eu desconheço, formou-se em mim e espo-reia-me com suggestões indignas de um homem de bem, impelle-me, a despeito da minha resistencia, para aventuras incríveis. Assumi o papel do espião que espreita na sombra, escuta, de ouvido colado á fechadura, e esconde-se, com medo de ser interrompido por uma brusca vibração da campainha ou pela entrada de um creado.

Martha saiu ás duas horas no coupé, para ir a casa de Redfern e para fazer algumas visitas.

Seguia-a, escondido em um fiacre, com os stores meio corridos. Parei de porta em porta, contando os minutos, as horas que ella passava junto das suas amigas, querendo adquirir a certeza de que não me mentira. Martha dava ordens ao cocheiro com uma inflexão tão desanimada, parecia tão fatigada, tão desencantada sob o seu véo escarlate, caminhava com um passo tão machinal, tão hesitante, sem olhar para ninguem, sem se deter n'essas *flaneries* de que as mulheres moças gostam tanto, admirando uma toilette elegante, uma nesga de céu azul, uma *vitrine* de joalheiro, scintillante de pedrarias, que eu estremecia, pensando que ella me vira, que soffria ao surprehender-me n'essa cobarde tarefa de Tricóche.

O seu olhar gelava-me o coração. Assimilhava-se a um céu cinzento sem claridades, um d'esses céos que provocam o *sp'een* como as dobras de uma mortalha. Convenci-me de que esse olhar pesava sobre mim, e preferiria insultos violentos, rancorosos, injustos, a essa muda exprobação, a essa dor n'esses olhos, n'esses bellos olhos claros.

Tel-os-ia eu pois embaciado, adorados espelhos que não reflectiam senão o sonho e o jubilo? Tornal-os-hia eu a vér no seu esplendor primitivo, na sua candida doçura commovida, como em a noute em que lhe disse que a amava, em que lhe suppliquei que fosse minha mulher, em que apoiei os meus labios, que tremiam, na sua frente, perto do cabello? Tornal-os-hei a ver afogados de ternura e tão radiantes, como na aurora da nossa noute de nupcias, quando ella acordou nos meus braços, um pouco ruborisada, com as suas tranças loiras esparsas nas almofadas e os seus hombros redondos e brancos immergindo de uma nuvem de rendas? Ouvil-a hei ainda dizer-me, extatica e desfalecida:

—Amo-te, amo-te ainda mais, amar-te hei cada vez mais!

Tornarei a ver esses olhos cheios de bondade, tão confiantes, tão ternos, esses olhos de creança sombreados pela franja das pestanas, esses olhos que me encantavam, que me perturbavam, que me faziam scismar no infinito do mar, na tranquillidade de um crepusculo estival, quando uma chuva de oiro phosphorescente rebrilha na branca espuma das vagas; esses olhos successivamente indolentes, ingenuos, zombeteiros, ardendo em curiosidades, fantasticas, attraentes, sensuaes, honestos, que me defendiam contra as tentações e que eu fechava tão frequentemente com os meus labios?

Queridos olhos d'aquella que eu amo, perdoai-me e lastimai-me, a mim que vos embaciei, que vos enchi de tristezas...

.....
Durante muitos dias chego a convencer-me de que me curei. Regosijo-me como um doente que se levanta, que caminha, encostando-se aos moveis, e que, com delicia, escuta os menores ruidos da rua, levanta a cortina da janella, segue no espaço o vôo das andorinhas. Diligenceio esquecer, recobrar a minha razão abalada pelo incessante choque de todas essas suspeitas. Mas para o conseguir, seria preciso que fugissemos para bem longe de Paris, que Martha estivesse sob a minha absoluta e egoista possessão, no campo, em uma pequena provincia onde nem mesmo soubessem o nosso nome. Mas propol-o-ha ella? Terá Martha a necessaria coragem de sacrificar-se, de renunciar a tudo que ama? Não ousarei nunca dizer-lh'o, condemnal-a a esse exilio.

Hontem ainda, durante o baile *costumé* da princeza de Sarlys, onde dançaram a pavana antes do *cotillon*, julguei que não teria forças para me conter até ao fim, que iria levar minha mulher, arrancar-l-a a essas flirtações cavalheirosas, a esse contacto de homens, a esses olhares cubicosos que se cravavam nos seus hombros nus, nos seus braços, na sua adoravel cabeça que se assimelha a uma fina e loira cabeça do seculo XVIII.

Martha tinha um costume de «Maria Antonietta», com um crescente de diamantes nos seus cabellos empoados e levantados, uma mosca assassina ao canto do labio, e um vestido de setim lavrado com pequeninos ramos de manjerona presos com laços de fita. Jurar-se-hia, ao ver o seu grande ar, os seus olhos scintillando de capricho e phantasia, a sua bôca, simultaneamente des-

denhosa e desejavel, que ella chegara do Trianon, em uma caruagem engrinaldada de flores.

Martha divertia-se como um estudante em ferias, ria, tagarelava, não parava um minuto no mesmo lugar e occupava-se tanto da minha pessoa, como se eu não existisse. E como que revivia no meio de todas essas luzes, de todos esses perfumes, d'essa musica, d'esse redomoinho da valsa. Dir-se-hia que ella queria embriagar-se. As suas *coquetteries* com uns e outros, a maneira indolente como se abandonava nos braços dos valistas, sobre tudo n'esse *boston*, que é a dança mais libertina que eu conheço com as suas ondulações cadenciadas, excitavam-me os nervos a ponto de me fazerem chorar de colera.

O imbecil Taverne dançou quatro vezes com Martha, cearam ambos na mesma mesa com lady Withsmore, uma leviana que passa por ter tres amantes e que durante o carnaval exhibiu, em Cannes, os seus amores com o principe da Escossia.

Ah! se não receiasse dar-me em espectáculo aos seus epigrammas idiotas, servir de thema a esse mundo pervertido e maldizente, que explora e desnatura as menores cousas, como eu teria travado do braço de Martha, obrigando-a a seguir-me, arrancando-a, a todo o transe, a essa promiscuidade ambigua!

No coupé, não proferimos uma palavra. Ella fechou os olhos e, segundo costumava, adormeceu com a cabeça encostada ao meu hombro. Mas logo que nos achámos um defronte do outro, no seu quarto, não tive forças para me calar, para acceitar estoicamente, e sem uma exprobação, o despeito que soffrera por amor d'ella, durante essa longa noite. Expandi o meu coração em palavras asperas, grosseiras, odientas, deixando-me cegar pelo meu ciume e não lhe calculando o alcance. As vélas ardião nos candelabros. Uma claridade esverdeada coava-se atravez das janelas fechadas. E em quanto eu percorria o quarto com gestos sacudidos e attitudes desvairadas, a minha casaca encarnada punha como que uma brusca mancha de sangue na *psyché* e no largo espelho do fogão. Essa nodoa vermelha allucinou-me como um preságio de desastre.

Martha deixára-se cair em um fauteuil, sem mesmo tirar a mantilha de renda que occultava parte do seu rosto e dos seus braços hirtos, cobertos pelas luvas. Não fazia o menor movimento. Por fim, gritei-lhe ao pé da cara:

—Responda, queira responder!

Ella sobresaltou-se e quebrando em mil pedaços o seu leque de plumas, contemplou-me com uma fixidez despresivel e glacial.

—Realmente, meu amigo, exclamou Martha, o sr. é idiota e faz mal divertindo-se assim com os nervos de uma mulher... Não ha amor no mundo que resista a semelhantes injustiças... Trate-se, se está doente, meu caro, mas, por Deus! não me estrague os raros momentos em que me divirto um pouco, em que sou mulher, em que não penso senão em aturdir-me... Essas cartas, não é verdade? sempre essas cartas que o desvairam... E em vez de ser feliz, de amar-me mais porque me acham bella, porque me cortejam, porque flirtam commigo, de dizer a si proprio que lhe pertenco sem restricções, que só o sr., depois d'esse baile onde tantos homens me desejaram, possuirá os meus labios, a minha pelle, o meu perfume; em vez de enlaçar-me ternamente nos braços, a mim que o amo acima de todas as cousas, insulta-me e desespera-me com incríveis tolices...

Estas palavras entrecortadas de soluços, murmuradas em um diapasão agudo, retiniam por todo o quarto silencioso. A minha colera fundiu-se sob o seu olhar; essas confissões de amor que, a despeito da sua vontade, transluziam no amargor das exprobações, dissiparam as minhas suspeitas. Prostrei-me aos seus pés, tentei pegar-lhe nas mãos.

—Perdoa-me, Martha, repeti, perdoa-me, meu amor, haver-te offendido!

Ella, porém, soltou-se dos meus braços e disse-me com uma inflexão enfasiada e indifferente, como a que empregamos para afastar um importuno:

—Desejava dormir, meu amigo, é muito tarde!

Sahi do seu quarto cabisbaixo e esperei em vão, por detraz da porta fechada, que ella me chamasse, que não me deixasse retirar sem um beijo!

RENÉ MAZERY.

A SONHAR

Envolvida n'uma onda d'harmonia
A minha alma pairava silenciosa
Sobre a tua; e tu, flor, meiga e piedosa,
Tinhas no rosto raios d'alegria.

Que expressão de ternura santa e pia
Te rodeava a fronte luminosa!
Ser do meu ser, mulher casta, ditosa,
Vieste despertar-me a fantasia.

Ku, trémulo d'amor, beijei-te a mão,
 Ao seio t' estreitei enternecido,
 Senti-te latejar o coração;
 E mais doce, mais tris'e que um gemido,
 Fugiste, e eu fui atraz de ti, visão,
 Nas anc'as do meu sonho dolorido.

F. J. RAMOS.

CONSTANTINO, O REI DOS FLORISTAS

II

Não vamos traçar aqui a biographia d'este eminente artista, vamos apenas lembrar as phases capitaes da sua vida para aproveitarmos depois as novas indicações que o sr. Cascaes soube encontrar.

Não o seguiremos senão de relance na sua lucta com a miseria e no lento desabrochar da sua gloria por tanto tempo contestada. Em Genova costumava ir visitar um convento de freiras onde se faziam flores artificiaes, e onde a sua vocação mais se affirmou. Emfim a 23 de dezembro de 1834 partio para França, levando consigo uma carta de recommendação de m.^{mo} Vieillard para mr. Flamet, um grande industrial de Paris.

A situação de Constantino em Paris era embaraçosissima. Não tinha os minimos recursos, e não sabia nem uma palavra de francez. Mas, como diz justamente o sr. Cascaes, para se entender com mr. Flamet, servio-se da linguagem universal das flores; offerecendo-lhe um magnifico ramo de flores de pennas. Flamet mostra-o a toda a gente, admiram-n'o todos, e a ponto de se resolver que o offereça a guarda nacional de Paris á rainha Amelia no dia da sua festa.

Parecia que estava conseguida a victoria, mas não era assim. A inveja começou então a levantar obstaculos sem conto diante do grande artista; repelliram-n'o e iam-n'o fazendo desanimar. Salvou-o um acaso providencial. Tendo-se perdido uma noite em Paris, perguntou ainda no seu mau francez, a um sugeito que lh'o ensinasse. Era obsequiador o homem que se chamava mr. Isidore, e fez mais do que ensinar-lh'o, servio-lhe de guia. Foram conversando pelo caminho, e quando chegaram a casa do nosso patricio, mr. Isidore subio para ver as flores. Maravilhado propoz immediatamente a Constantino associar-se com elle, e assim se fundou a fabrica que tantos annos Constantino dirige.

Constantino começou então a produzir maravilhas. Eram prodigiosas as suas imitações, e tinha sobretudo uma grande tendencia para fugir da banalidade. Fez-se botanico, viajou para estudar as flores de todos os paizes, e até arriscou a vida nos Pyreneus para ir colher nos mais altos pincares exemplares rarissimos das flores agrestes das cumiadas. Voltou a Paris com a sua maravilhosa collecção, renovou completamente os seus mostradores, e dando largas á phantasia, começou tambem a inventar flores imaginarias, como foram as chamadas *flores do gelo*, com que elle imitava os phantasticos arabescos das gotas de agua gelada, e que transformava em pétalas de imaginarias flores.

Veio a exposição de Paris de 1844, e Constantino a ella concorreu de um modo original: misturou flôres naturaes com os productos da sua arte, e o publico surprehendido passou por ellas com indifferença, espantando-se de que se expozessem flôres naturaes. Quando porém voltou, e encontrou murchas umas e as outras radiantes da sua immortal belleza artistica, rompeu em applausos. Constantino renovára com o publico parisiense o caso de Zeuxis com o passaro que lhe fôra depinicar as uvas do seu quadro.

Fei por essa occasião que Constantino recebeu o titulo regio. Foi n'uma venda de caridade em que as senhoras, a quem elle enviára valioso presente, o acolheram bradando: *Vive le roi des fleurs!*

Quando se approximou a epoca da Exposição Universal de Londres de 1851, Constantino, que se preparava para a grande lucta, quiz como que vir retemperar-se ao solo natal de que estava ausente havia deseseis annos. A sua passagem por Portugal foi um verdadeiro triumpho.

Em Lisboa deram-lhe um jantar, a que presidio Almeida Garrett; o rei e a rainha receberam-n'o, e o antigo soldado miguelista commovido por essa recepção, offereceu á rainha um ramo encantador, e uma grinalda maravilhosa de rarissimas flôres. Quiz porém ir vér a sua terra, a sua Moncorvo. Passou pelo Porto onde o festejaram tambem. Fizeram-lhe em Moncorvo uma recepção entusiastica. Pouco se pôde demorar porém, que o chamavam os trabalhos para o grande certamen inter-nacional. E tanto mais penosa tinha de ser a sua tarefa quanto se compromettera a corresponder ao convite do governo portuguez e a fazer figurar tambem as suas flôres na exposição portugueza. A carta em que annuncia ao redactor da *Revista Universal* a resolução que

tomára é digna de transcreever-se, porque atravez da fraqueza de redacção transparece o mais ardente patriotismo.

«Paris, 18 de janeiro de 1851—Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—Já tive a honra de escrever a v. ex.^a, dando parte da resolução que tomei de accordo com o nosso illustre embaixador de Paris; perdoe v. ex.^a a demora que houve na minha resposta; a causa d'isso foram tres artigos dos estatutos da exposição publicados nos jornaes francezes e inglezes, os quaes me impediam de expôr como portuguez; porém já todas as difficuldades estão vencidas, todos os obstaculos superados: terei a doce satisfação de offerecer á minha patria um presente que figurará na exposição como producto portuguez; peço a v. ex.^a acceite esta offerta em nome da nação; muito desejarei saber se esta prova de patriotismo tiver agradação á nação; dê v. ex.^a as ordens necessarias para que, depois da exposição, seja a dita offerta mandada para Portugal; muito satisfeito estou de aproveitar d'esta occasião para provar aos meus compatriotas que, não obstante a minha longa ausencia, não cessei de ter no peito coração portuguez. Tenho a honra etc. *Constantino*.

Foi esta carta que inspirou ao sr. Cascaes a entusiastica poesia em que dizia a Constantino:

Sim, artista, que os fóros da patria
 Lá distante, tu sabes vingar,
 Vai ao templo da industria do mundo
 Vai de flôres cingir-lhe o altar.

Por brindal-a, de esforço redobras,
 Por honral-a, porfiás e vences
 Mãe altiva por filho te anhela,
 Tu respondes que a pobre pertencés.

Não era facil effectivamente a Constantino prestar uma homenagem a sua terra. Exigia-se que só figurassem na Exposição como obra de um paiz o que fosse producto do trabalho nacional, e era condição essencialissima irem os productos remettidos directamente da nação em cuja exposição figuravam. Ora Constantino não podia fazer as suas flôres senão com os seus operarios francezes, e já não tinha tempo tambem de as enviar a Portugal para de Lisboa seguirem para Londres.

O que fez Constantino? Em primeiro logar appellou para a amisade dos seus operarios com quem se mostrara verdadeiramente paternal, e que mantivera sempre nos dias nefastos de 1848, apesar da paralyção do trabalho, e começaram a trabalhar em segredo na exposição portugueza. Depois juntamente com oito grandes caixas em que ia a exposição franceza, remetteu duas mais pequenas com a exposição de flôres artificiaes do seu paiz, e em Londres ao passo que ia organisando as suas *vitrines* francezas ia sorrateiramente e ás escondidas passando para a secção portugueza as flôres que lhe destinava. Assim, graças a esta patriótica astucia, pôde fazer a sua terra quinhoeira da gloria com que não podia deixar de illuminar na maior parte a sua patria adoptiva, aquella em que tinha todos os seus elementos de trabalho.

Constantino obteve a medalha de ouro, e foi por esta occasião que teve uma das mais honrosas manifestações que se podiam fazer a um estrangeiro. Os floristas de Paris dirigiram ao presidente da republica franceza um memorial, pedindo-lhe que concedesse ao grande artista a Legião de Honra. Mostraram os altos serviços que elle prestára á industria franceza, porque antes d'elle apparecer o valor das flores artificiaes exportadas era de tres milhões de francos, e se elevára, graças ao prestigio que o nome de Constantino adquirira em todo o mundo a 15 milhões de francos.

Fez-se o que os floristas pediram.

Constantino teve a Legião de Honra.

Estava, porém, ancioso de voltar á sua patria, e em 1854 resolveu affastar-se da vida industrial, trespassar o seu estabelecimento, e vir para Portugal sogar o fructo do seu trabalho. Assim fez, e veiu para Lisboa. Foi então que o sr. Cascaes o conheceu. Conta o nosso sympathico mestre a respeito da sua residencia aqui, algumas anedotas curiosas. Jantou o sr. Cascaes com elle em casa de Antonio Fidié.

«... Preparava se a mesa em casa do sr. Fidié, e escusado será dizer com que atticismo de apurado serviço e gosto, quando vieram collocar sobre um bello *centro* varias flores artificiaes compradas em Paris no estabelecimento do nosso artista, e que o dono da casa alli apresentava agora como mimosa e bem cabida surpresa. Constantino, ao ver as suas flôres um tanto amarrotadas, desfaz-se modestamente em desculpas, dizendo: «serem flores de commercio... fabricadas pelo seu pessoal artistico... apenas dirigido por si, etc.» E, de facto, comprehende-se que n'um vasto fornecimento, que então produzia a officina de Constantino, rarissimas flores seriam propriamente de sua mão, sendo impossivel o contrario, Briareu que elle fosse. Entretanto, e apesar de amarrotadas reconhecia-se a vara de condão do grande mestre. Constantino, porém, não lhe soffrendo o animo de as ver maltratadas, pede licença, puxa da elegante carteirinha, d'on-



O DOUTOR JOSÉ MOREIRA DA FONSECA

de tira uma mui pequena pinça, e agora o vereis: botões, petalas, folhas, troncos, tudo parecendo desfazer-se. A pequena pinça tornára-se instrumento universal nas mãos de Constantino; com ella encrespa e desenruga, com ella curva e descurva; com ella separa e junta; com ella tudo faz finalmente e por tal forma, que em poucos minutos elle mesmo, agora mais satisfeito, colloca as flores, as quaes, depois de tão monumental sova, pereciam outras —viçosas de frescura, e com aquelle descair de simples graça que só a natureza offerece. Um dos convidados, o fallecido pintor Cinatti, soltára um *Bravo, Constantino*, ao ver a maravilhosa transformação.»

Tambem o sr. Cascaes conta que Constantino mostrava com orgulho, a um antigo criado francez que o acompanhava ás casas apalaçadas da rua de S. José, dizendo-lhe: «Vés? Tudo são palacios».

Que saudades que me faz essa anedocta! Contára-m'a o sr. Cascaes n'um d'esses rapidos intervallos, em que a sua benevolencia permittia que eu dêsse treguas á arte por mim tyrannizada, e ao lel-a agora em letra redonda, a vinte e tantos annos de distancia, quasi me saltaram as lagrimas.

PINHEIRO CHAGAS.

CAMPESTRE

(DO NATURAL)

Foi a 13 de junho. Nesse dia
Mal tinha despontado a madrugada,
Ja nós iamos ambos pela estrada.
Cheios de força e cheios de alegria.

Tu ias provocante e deliciosa:
Largo chapeo todo enfeitado de uvas,
Os dedos sem anneis, as mãos sem luvas,
E uma saia de chita cõr de rosa.

Eu, de calças de linho, muito largas,
Uma curta jaqueta de retina.
Franjada e rubra cinta nas ilhargas.
E no hombro direito a carabina.

E, assim, sem nos lembrarmos dos revezes
D'esta vida cruel e assustadora.
Nós iamos, a rir, p'la estrada fóra,
A' desfillada como dois inglezes.

Os passaros, no azul iam cantando,
N'um folgazão e matinal ruido,
E os carros de bois vinham chiando
Com um chiar agudo e dolorido.

Um pardalito alegre e prasenteiro,
N'um gorgeiar vibrante e chilreado,
Disse-me a rir de cima de um loureiro:
«Adeus, Eugenio, como tens passado?»

Mas tu, no entanto, ó caridosa rolla,
Ficaste, de repente, muito triste,
E baixaste esses olhos quando viste
Uma ceguinha que pedia esmolla.

E, assim, como que trémula e suspensa,
Toda cheia de magua e de alvoroço.
Dissêste-me ao ouvido: «Dás licença
Que eu reparta com ella o nosso almoço?»

E depois, meu amor, ó pomba minha,
Muito apressada, abrindo o saquitel,
Foste entregar metade do farnel
A' desditosa e pallida ceguinha.

E, ao receber a esmolla surprehendente
Da tua mão tão branca e delicada,
A cega murmurou serenamente:
«Seja p'lo amor de Deus, muito obrigada!»

II

Rompêra o sol. No meio do caminho,
Lançando em derredor o teu olhar.
Perguntaste-me: «Vamos almoçar
N'aquelle pinheiral, junto ao moinho?»

Eu disse-te que sim. E sem demora,
Emquanto ao longe os passaros cantavam,
Fomos seguindo p'r um carreiro fóra
Aonde os gafanhotos saltitavam.

A' beira d'um riacho, tu paraste,
E a tua cara encheu-se de rubor
Quando, cheia de susto, arregaçaste
O teu vestido, p'ra saltar melhor.

Mas eu, que nunca mais esquecerei
O bem que me tem feito os teus carinhos,
Peguei-te ao collo porque me lembrei
Que podias molhar os teus pésinhos.

E, depois de saltar esse ribeiro,
Quando te puz no chão, ó minha Amada,
Volvendo-me um sorriso feiticeiro,
Disseste-me, a tremer: «Muito obrigada!»

III

Por fim chegámos ao pinhal. A gente
Tinba-se fatigado no caminho:
Por isso tu ficaste tão contente
Quando chegaste ao pateo do moinho.

Apenas nós entramos,—que afflicção!—
Mais furioso e altivo do que um lord,
Veio de encontro a nós um grande cão,
Que mesmo por um triz que nos não morde!

Mas,—vejam lá o que é uma mulher!—
Apenas viu o teu perfil fagueiro,
O grance cão, já prompto a arremetter,
De repente, ficou como um cordeiro!

IV

No pateo do moinho saltitavam
Umas creanças pequeninas, : eigas:
E, lá de quando em quando, relinchavam
Os burros carregados de taleigas.

A moleira, uma bella mulheraça,
Desfazendo-se em graves cortezias,
Dizia-nos, a rir, com certa graça:
«Vivam lá, meus senhor's; muito bons dias...»

E tu, com um sorriso encantador,
O' minha pomba terna e commovente,
Disseste-lhe, a sorrir, serenamente:
«Dá-me uma gotta d'agua, faz favor?»

E ella, a moleira de perfil bisarro
De fina correcção raphaelesca,
Foi buscar um cantil com agua fresca
Que te offereceu, n'um pucaro de barro.

Então, emquanto o sol incendiava
O largo campo que ficava em frente,
Puzeste-te a beber soffregamente
Aqueila agua que te consolava.

Eu quiz beber o resto, ó pomba anciosa,
Mas, agarrando o pucaro nos dedos,
Disseste-me, a sorrir, maliciosa:
«Eu não quero que saiba os meus segredos...»

V

Eram já onze e meia. Então deixámos
O moinho e viemos p'ra o pinhal,
Onde cheios de fome devorámos
Um almoço abundante, mas frugal.

Que bello almoço, na verdade! Tu,
Que tens um bello gosto aprimorado
Tinhas, ás escondidas, preparado
Um saboroso e esplendido «menu»

Mas o que foi devéras singular,
(E n'isto não falhou o meu palpito),
Foi o grande e magnifico appetite
Com que nos dispozémos a almoçar.

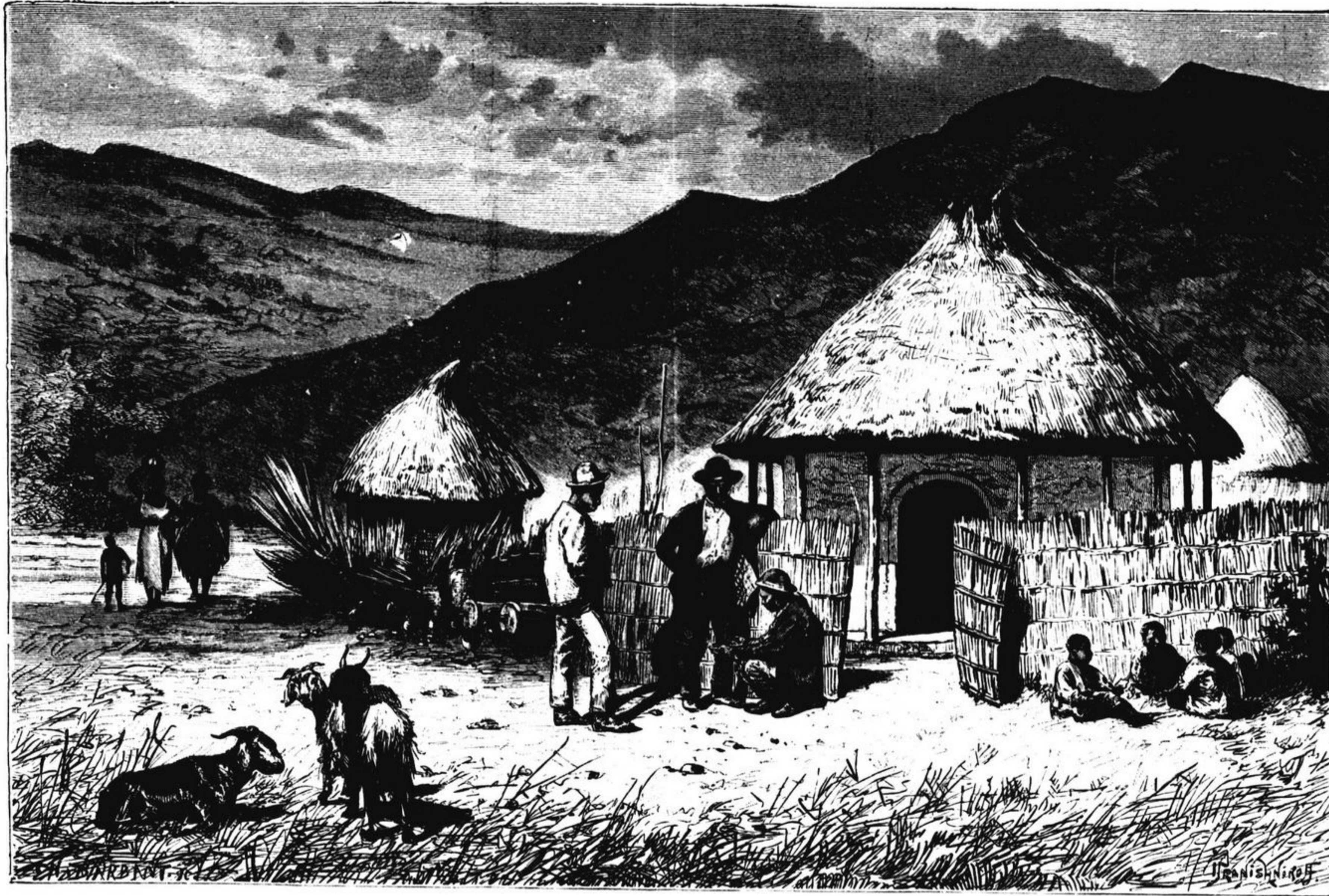
Junto de nós, os melros e os pardaes
N'uma cadente e louca berraria
Cantavam grandes hymnos triumphaes,
Cheios de luz e cheios de alegria.

Uma formosa abelha movediça
Dormia n'um lilaz muito orvalhado,
E um pequeno zangão dizia missa
Na capella de um lirio immaculado.

E, como o sangue rubro das pelepas
Enodoando um campo de batalha,
Do nosso almoço as ginjas e as cerejas
Punham nodoas sanguineas na toalha!

VI

Quando o almoço acabou, fomos passejar
Entre o trigo das cearas verdejantes,



SHOSHONG, NA COSTA D'AFRICA

Onde os insectos negros, ao passar,
Beijavam as papoilas scintillantes.

Tu andavas a rir, ó doce Amada,
Colhendo espigas pelos milheiraes
E eu, co' a minha espingarda engatilhada,
Andava atraz dos melros joviaes.

Quando eu disparei um bello tiro
A um tentilhão que estava no arvoredo,
Dos teus labios sahiu, como que a medo,
Um grande e pungentissimo suspiro.

Mas, quando escorreguei entre uns barrancos,
Junto d'aquellas hortas cultivadas,
Tu pozeste-te a rir, ás gargalhadas,
Deixando ver os teus dentitos brancos.

VII

Passou-se assim toda a manhã. Depois,
Cheios de magua e cheios de saudade,
Deixámos os tralhões e os rouxinoes
E viemos caminho da cidade.

Tu estavas muito pallida e tremente,
E nas tuas orelhas delicadas,
A' luz do sol, luziam, vivamente
Uns brincos de cerejas encarnadas.

Eu vinha taciturno, meditando,
Mais triste que um jazigo e que um enterro;
E era assim que nós vinhamos marchando,
Como os pobres que vão para o desterro.

Por fim, chegámos á cidade. Então,
Sem desprezar o meu olhar dos teus,
Enleei essas mãos na minha mão
E segredei-te esta palavra: «adeus!»

E, quando tu partiste finalmente,
Deixando-me na magua mais sombria,
Disséste-me, a sorrir, timidamente:
«Obrigado p'la sua companhia...»

Lisboa, 18 de maio de 1887.

EUGENIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

BAHIA SANTA IZABEL, NA ILHA FERNANDO-PÓ

A nossa gravura representa a vasta e formosissima bahia Santa Izabel, na ilha de Fernando-Pó

Fernando-Pó é a maior ilha do golpho de Biafra; a sua situação faz d'ella a chave dos rios que desaguam no mar, desde cabo Formoso até Malimba.

A tradição conta que esta ilha foi descoberta por um capitão chamado Fernando-Pó, de quem conservou o nome. É provavel que esta descoberta fosse feita, pouco mais ou menos, ao mesmo tempo que a descoberta da ilha de S. Thomé.

Fernando-Pó n'esse tempo já era habitada, ao contrario das ilhas de S. Thomé, do Principe e do Anno Bom, onde os navegadores portuguezes não encontraram nenhum ser humano.

A ilha de Fernando-Pó foi cedida á Hespanha por um tratado com data de 1778. N'outros tempos tinha recebido alguns colonos, e as feitorias lá creadas pelos portuguezes foram destruidas pelos hollandezes no seculo decimo sexto.

Em 1827 a posse temporaria de Fernando-Pó foi cedida á Inglaterra, que fez d'ella o centro d'onde partiam os navios que cruzavam na Africa, afim de prohibirem a escravatura. O capitão Owen foi encarregado d'installar os primeiros emigrantes vindos da Serra-Leôa; algumas rampas foram abertas na penedia da bahia do norte, a que elle chamou Clarence.

Em 1845 por intermedio de Guillemar d'Aragon, os hespanhoes tomaram novamente posse de Fernando-Pó.

Desde esse tempo a ilha tem guarnição hespanhola, commandada por um brigadeiro. Depois da reoccupação de 1845 os missionarios anglicanos foram obrigados a evacuar Santa Izabel, e os jesuitas foram tambem d'ali expulsos, depois das revoluções recentes havidas em Hespanha.

Durante o ultimo anno do governo da rainha Izabel, Fernando-Pó era o lugar para onde o governo deportava os seus inimigos: a Havana tinha a seu cargo o dar os fundos necessarios para o soldo das forças estacionarias em Fernando-Pó, onde se tinham construido quartéis proprios do clima e um palacio para o governador.

A raça que habita Fernando-Pó, divide-se em muitas tribus, cujas linguas teem entre si muitas affinidades e pouco differem

das falladas no continente. Esta raça é pelos europeus chamada Bouvis; é honesta e contenta-se em cultivar o que lhe é necessario para lhe assegurar a subsistencia. O inhane é a base da sua alimentação. As diversas tribus teem o nome de Ba-teti, Ba-ni, Ba-kaski, Ba-loko.

Fernando-Pó está quasi completamente coberta de magnificas florestas. E' perigoso saltar a terra do lado do sul, onde vivem os escravos fugitivos que se escapam em pirogas de S. Thomé; vivem nas florestas e apenas se conhecem as suas habitações pelo fumo que se eleva acima das arvores.

O DOUTOR JOSÉ MOREIRA DA FONSECA

O doutor José Moreira da Fonseca, de quem hoje damos o retrato, é natural da cidade de Lamego. Formado em direito na universidade de Coimbra, seguiu a vida da advocacia, e escolheu a cidade do Porto para exercer a nobre missão a que se propoz.

Abriu ali o seu escriptorio, e não tardou que os tribunaes e o publico admirassem no illustre advogado o brilho d'uma intelligencia pouco vulgar, e a seriedade d'um caracter, que lhe granjeou o nome de primeiro advogado na cidade invicta.

José Moreira da Fonseca teve sempre em muita conta a honestidade e a probidade, que são apanagio do verdadeiro homem de bem.

Dotado d'um coração nobre e generoso, as classes laboriosas encontraram sempre n'elle um verdadeiro amigo e protector, as liberdades patrias um apostolo sincero e convicto, a cidade do Porto um defensor fervoroso dos seus progressos e melhoramentos, e as tradições nobres d'aquella cidade, que occupam paginas brilhantes no grande livro da historia portugueza, um respeitador condigno.

O doutor Fonseca ganhou a estima e a admiração de todas as classes sociaes, e a par d'esta, uma confiança absoluta, mesmo dos homens que divergem das idéas politicas que elle tem mantido e sustentado invariavelmente.

José Moreira da Fonseca está filiado no partido regenerador e são relevantes os serviços que elle tem prestado a este partido em diferentes épocas, já na qualidade de governador civil, que foi, no districto do Porto, já como partidario leal e d'uma só fé.

Para se poder avaliar bem quem é José Moreira da Fonseca e o prestigio de que elle goza, é necessario ir ao Porto, e conversar ali com os homens mais graúdos das diferentes classes sociaes.

Aquelles que pessoalmente não o conhecem, sentem o grande desejo de lhe ser apresentados, de travar relações com elle, de o ouvirem, para não poderem mais esquecer um homem dotado da franqueza que captiva e prende, da hombridade que deslumbra, e da auctoridade que se impõe.

A modestia, que é uma das virtudes mais caracteristicas do seu muito valor, faz realçar o grande merito de que é dotado, e tornou-o credor das sympathias d'uma cidade fidalga e nobre pelas suas tradições, alegre e risonha como a primavera, incansavel no trabalho, cioza dos direitos que lhe pertencem, generosa e grande como a brilhante posição que occupa no nosso Portugal.

Ter a estima e a amizade dos homens distinctos d'uma cidade d'esta ordem, é possuir um titulo da maior nobreza, e o possuil-o significa, ao mesmo tempo, o muito que vale e póde aquelle que conseguiu tamanha honra.

O doutor José Moreira da Fonseca possui este titulo; foi-lhe conferido pelos seus meritos e pelas qualidades pessoasas que o enobrecem e distinguem.

SHOSHONG, NA COSTA D'AFRICA

Shoshong é a grande capital de Manguato, ou paiz dos Banguatos, na Africa austral.

A cidade fica no valle de Letloze, encostada ás montanhas do Norte. Tem cerca de 15:000 mil almas e já chegou a contar o dobro.

As montanhas rasgam-se ali para deixar passar uma torrente que se fórma nos tempos chuvosos, e que divide um bairro da cidade.

E' no fundo d'essa garganta, mesmo por baixo das altas montanhas de rochas aridas, cortadas a pique, que os missionarios estabeleceram as suas vivendas.

As casas em Shoshong, de que a nossa gravura representa um specimen, são construidas de caniço e colmo, cylindricas, com tectos conicos. Estão divididas por bairros, dando-lhes acesso um labyrintho de ruas estreitas e tortuosas.

CANHONEIRA TAMEGA

A nossa estmpa representa a canhoneira Tamega debaixo de um temporal S. W. que apanhou na latitude de Cabo Frio

a 18° 23' S. durante a viagem de Mossamedes para Wolwich-bay no dia 26 de setembro de 1878.

O desenho original foi feito pelo segundo tenente da armada, o sr. Alfredo Ghira, cuja intelligencia e dedicação no serviço publico o tornam um distincto e apreciado official da nossa marinha de guerra.

D. ANGELA KEMP SERRAO

Primeiro soprano da «Real Academia de Amadores de Musica»

Dando hoje aos nossos leitores o retrato da gentil e sympathica amadora, a ex.^{ma} sr.^a D. Angela Kemp Serrão, festejado primeiro soprano da Real Academia de Amadores de Musica, temos em vista prestar uma homenagem ao talento, honrando assim o nosso semanario.

A ex.^{ma} sr.^a D. Angela Kemp Serrão é a organização mais perfeita de artista que conhecemos.

Joven ainda, pois que apenas conta 22 annos, possui já uma bella instrução musical, recebida do distincto professor, sr. Napoleoni Vellani, que se orgulha, com legitimo orgulho, de a ter por discipula.

A sua voz attrahente e fascinadora tem uma extensão de duas oitavas e meia e é bastante volumosa para se poder ouvir em qualquer recinto espaçoso. O seu timbre, agradabilissimo, é da qualidade a que os francezes chamam *voix chaude*. Todas as suas notas são argentinas e vibrantes, sem serem tremulas, defeito insupportavel e muito commum actualmente, devido ao esforço fóra dos limites regulares dos extremos da voz. A affinação é correctissima, qualidade esta bastante rara. Tem uma outra vantagem sobre o vulgar, a illustre amadora: é a das respirações grandes, que contribuem para bem accentuar a phrase do canto largo da escola italiana. Ataca os agudos com nitidez e valentia, sabendo *smorzare* na perfeição. Dispondo de uma grande agiidade, não obstante estudar ha simplesmente dois annos, pronuncia de um modo intelligente, e canta com muito sentimento e gosto, sem exaggero, nem affectação. E' brilhante a sua maneira de phraser.

A gentil amadora apresenta-se em publico muito senhora de si. A primeira phrase pronuncia-a com o cuidado de quem tem que attender ás exigencias de um auditorio severo; vé quem a ouve, ouve o mais abafado monosyllabo de quem a rodeia, de quem se prepara para a applaudir; lembra-se de que póde comprometter o triumpho que o seu talento lhe deve proporcionar, mas depois de electrizada pelos primeiros accordes da orchestra, depois de scitas algumas notas crystallinas da sua privilegiada garganta, identifica-se tanto com a musica, possui-se tanto do trecho que executa e interpreta, que a vemos transportar-se ás regiões da arte, parecendo que para ella desaparece o mundo exterior.

A mulher cede o logar á artista.

No sympathico rosto da notavel virtuose, desenham-se as phrses a que a sua alma imprime um sentimento, uma delicadeza de colorido, uma acentuação dolorosa ou alegre,—segundo as exigencias da partitura,—que a tornam distincta entre as distinctas.

Enthusiasticamente applaudida todas as vezes que exhibe os primores da sua voz excepcional, não se deixou ainda arrastar pela vaidade, apresentando-se sempre com a modestia congenere dos talentos de eleição, e não fazendo nunca valer o seu merito verdadeiramente superior.

O seu ideal (que a illustre amadora nos desculpe a inconfi-dencia) é ir completar a sua educação artistica a Italia.

Tem razão. O nosso meio é pequeno, é acanhado, é mesquinho para n'elle se expandir quem possui, como a ex.^{ma} sr.^a D. Angela Kemp Serrão, a centelha do genio.

O modo porque a distinctissima amadora cantou a romanza da «Aida», n'um dos concertos da «Real Academia de Amadores de Musica»; o desempenho brilhante que deu á parte que lhe coube na «Vasco da Gama», de Bizet, executada no 16.º concerto da benemerita Academia, mostram bem que dispõe de recursos para a musica dramatica, para as composições de folego, podendo lançar-se em largos commettimentos sem receio de difficuldades das quaes o seu genial talento não saiba ou não possa triumphar.

CHRISTINA DA SILVA

Não conhecem es'a actriz em miniatura, esta formosa e sympathica actrizinha, que, com quatro annos e meio de idade, conta mais avultado numero de noites de applausos unanimes de uma platéa, do que de mezes marca na sua pequenina existencia?

Pois quem não a conhecer, corra ao theatro do Principe Real, quando ella representa, e verá com que razão dizemos que n'aquelle corpinho debil, tão resumido, teve a scentelha da arte, do talento e da gloriá, a phantasia de estabelecer uma das suas moradas predilectas

Vão lá, e digam-nos se a gentil creança não nos desperta appetite de transpormos d'um salto o espaço que nos separa do palco e de a levantarmos nos braços, bem alto, apresentando-a

ao publico como uma privilegiada da arte, como uma gloria em embryão.

Pasmámos quando, antes de[traçarmos estas linhas, passámos em revista as peças em que a pequenina actriz tem tomado parte.

Enumeremol-as:

«A Nana», «Terremotes d'Andaluzia», «Frou'frou», «O Filho da Nana», «Taberna», «Mulher que deita cartas», «Cabana do pae Thomaz», «Paris que chora», «Causa celebre», e «Velhinha Christina», monologo em verso.

Estamos ouvindo d'aqui alguns dos nossos leitores, que não tiveram ainda, como nós, o prazer de ouvir a pequena Christina da Silva, dizerem baixinho, de si para comsigo:

— E' impossivel! Com quatro annos e meio!... Não póde ser.

Não póde? Parece-lhes isso? E se assistissem a uma d'essas grandes ovações dispensadas á pequenina actriz, a uma d'essas imponentes manifestações feitas pelo publico em sua honra, tal como o faria a um vulto da arte, e que ella, a creancinha, agradece com a intelligencia e o reconhecimento de uma atriz grande no corpo e na fama?

As duvidas desvaneciam-se-lhes antes mesmo de irromperem os applausos dos admiradores da gentil creança.

A segurança com que pisa a scena, a facilidade com que diz bastariam para os convencer de que Christina da Silva é uma d'essas predestinadas da arte, uma das glorias do palco portuguez.

A DOR

Emquanto que ella esmolla, ali, a um canto,
Essa meiga creança idolatrada,
Que passa a vida toda amargurada
No mais cruel e mais profundo pranto,

Passam na rua alegres, descuidosas,
Sem sentirem da vida o fel ardente,
As damas de bom tom em quem se sente
O perfume subtil das finas rosas.

Contraste emfim vulgar da natureza:
—Ao pé da mais tristissima pobreza
Espalha-se a semente da Ventura!

Em lugubre caserna geme e chora
A pobre mãe, eu quanto que lá fora
A filha traga o fel da desventura.

ABILIO MAIA.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

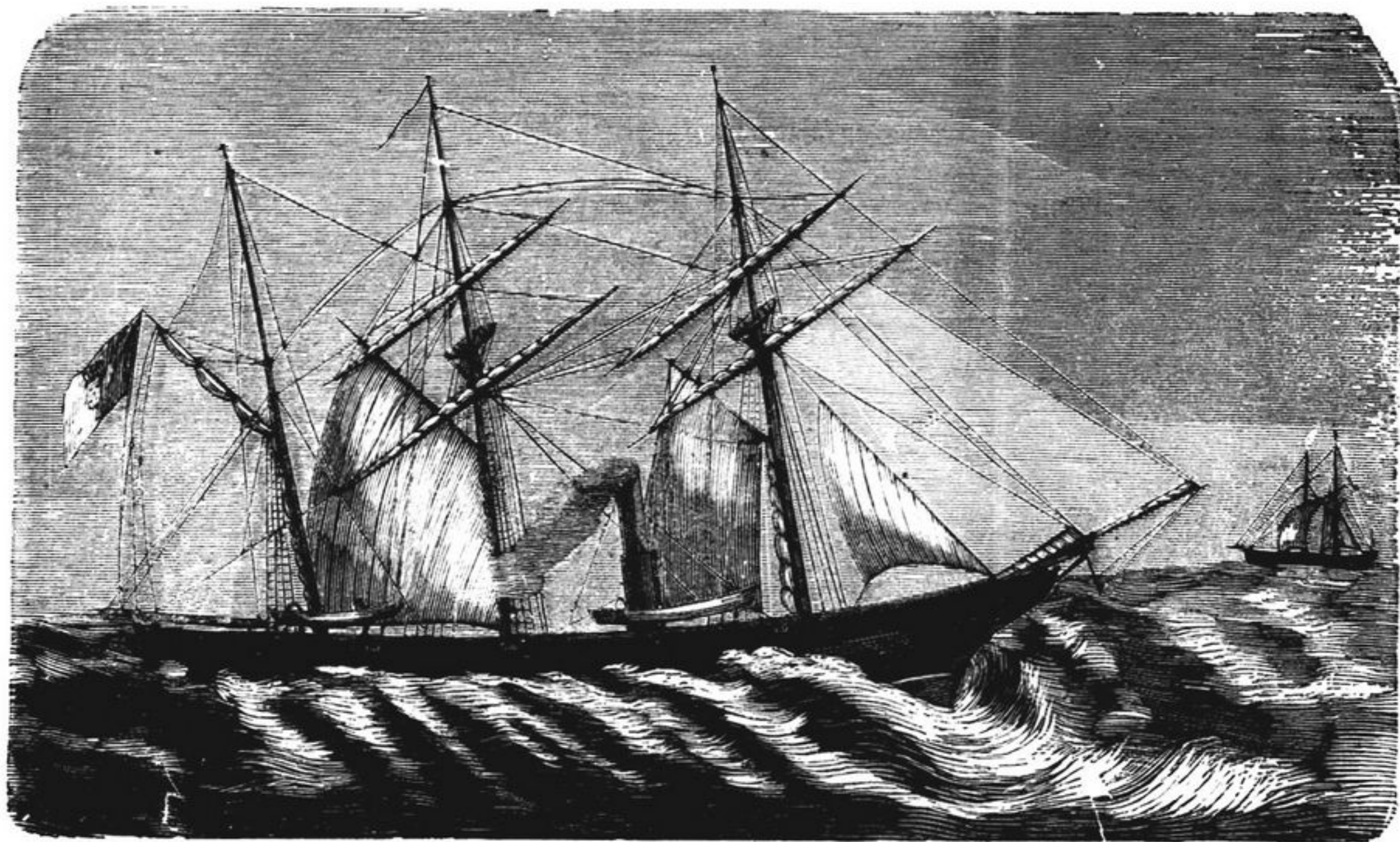
CHARADAS NOVISSIMAS

Este elemento e este homem está em tua casa—1—3.
Suja esta ave dos poetas—1—2.
Este fructo está na musica e nos joalheiros—2—1.

A. A. PINTO.

Não são más estas alegrias, por serem felicitações—2—2.
Não digas instrumento mas sim tecido—2—2.
A favor dos pequenos estão as particularidades—1—3.
Tende mão, homem do mar, olha que é planta—1—4.
Esta medida no convento é uma donzella—1—2.
Affirmo que esta cidade é animal—1—2.
Que admiração por este instrumento ser vestimenta!—1—1.

ARIEVILO E ORUOL.



CANHONEIRA «TAMEGA»

CHARADAS EM VERSO

A Antonio Rodrigues Brancal

E' mui facil a charada,
Que eu te vou apresentar,
Porque basta ver a musica—1
P'ra poderes decifrar.

Mas, procura caro amigo
Alguma letra apostolica,—2
Talvez possas lá achar
Alguma lenda catholica

Castello Branco

SALOIO.

Caro leitor, se na musica,
Com attenção procurar,
Creia que infallivelmente
Um adverbio ha de achar.—1

Venha depois ver o Zezere
N'uma noite de luar,
Para ouvir, entre os salgueiros,
D'um animal o cantar.—2

Nas venha, venha depressa,
Estou ancioso de o ver;
Quero fazer-lhe um presente;
Sabe o que é? Pois vai saber.—1

Eu tenho no meu jardim
Uma arvore que dá flor,
Depois tambem dá um fructo,
Que off'recerei ao leitor.

Covilhã

ANTONIO RODRIGUES BRANCAL.

Logogriphos

Eis aqui um animal—8—4—3—11—1—6
Que tem azas para voar—9—5—6—8—4
Ainda aqui é um peixe—5—11—7—9
Que tem pernas para andar—4—6—3—11
Ainda mais, é instrumento—6—5—4—7—11
Que serve para pescar—8—2—7—2
N'este rio tão formoso—4—4—7—11
Que nada tem de vulgar—5—9—8—11

Conceito

Agora caro leitor
Se o todo qu'ar, decifrar,
Dá voltas aos olhados
Que é coisa muito vulgar.

Castello Branco.

FRANCISCO ALVES.

Leitor, se for viajar,
Não se deixe envelhecer,—17—5—7—8—20—10—14—11—18—4
Porque, não pode ter tempo
De certo rio conhecer—15—1—2—18.

Depois vá a este reino—16—11—18—15—12—18
P'ra ver uma dignidade,—3—18—10—18
Em seguida, veja um rio—11—9—13—4—20
Junto de certa cidade.

Se lá não enriquecer,
Volte para Portugal—6—20—2—9—19—5
E verá, que em seus direitos
Ninguem aqui lhe faz mal.

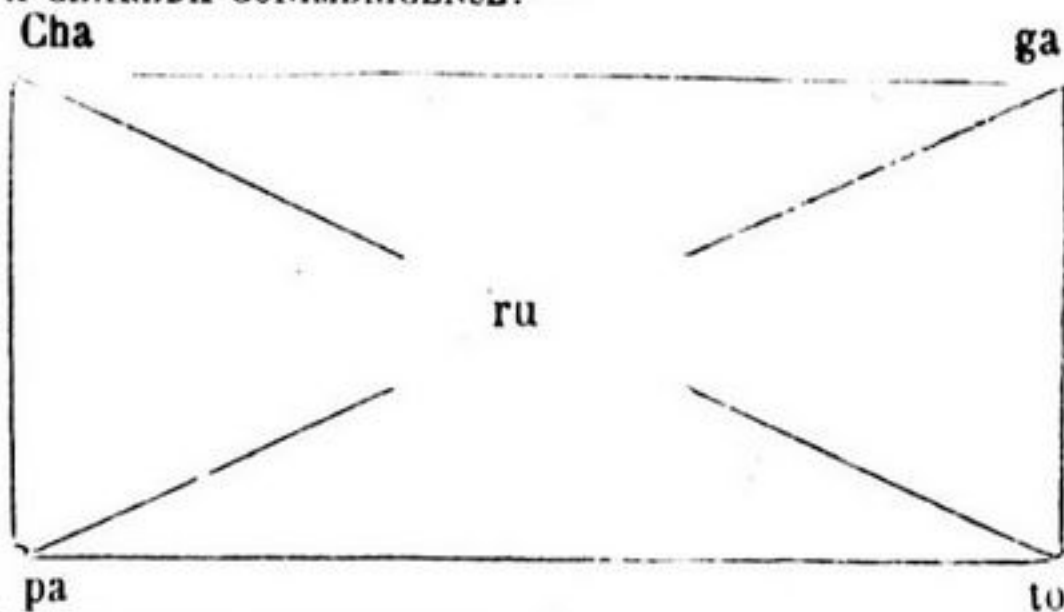
Castello-Branco.

SALOIO.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Camarina—Tangara—Saquete—Lisbonina.

DA CHARADA CONIMBRICENSE:—



DA CHARADA EM LOSANGO:—A

ole
opera
alegria
errar
air
a

DA CHARADA EM VERSO:—Mafalda.

A RIR

—Não me falle de dores de dentes. São as mais terriveis que conheço!

—A quem o sr. o diz!

—O que? Pois tambem padecê?

—Não, senhor; sou dentista.

*

D'um sujeito que fallava muito e que dava pouco, dizia uma dama nossa conhecida:

—Que excellente pessoa seria Fulano, se, em vez de ter um freio na bolsa, o tivésse na bocca!

*

—Não foi ao enterro do Anastacio? Pobre homem! Só levava duas carruagens atraz de si!

—Pois que não cahisse na asneira de se enterrar ás dez da manhã. Sabia perfeitamente que é essa a hora do meu almoço!

UM CONSELHO POR SEMANA

MODO DE FAZER CERVEJA FRIA

Agua, 200 litros; melação, 5 kilos; flores de lupulo, 200 grammas; raiz de genciana, 100 grammas; levadura de cerveja, 100 grammas.

Põe-se de infusão a genciana e o lupulo em 3 litros d'agua, e côa-se.

Dissolvem-se separados em qualquer quantidade d'agua o melação e a levadura; deita-se tudo n'um barril, agita-se e deixa-se em fermentação. Usa-se 6 ou 8 dias depois.

A AUTOPSIA

De Alexis Clerc

—Senhores, disse o sabio doutor aos estudantes, reunidos á roda da meza de marmore em que estava collocado o cadaver, cujo peito e ventre, abertos, deixavam a descoberto os orgãos interiores,—este caso merece, na verdade, a sua attenção. Raras vezes temos occasião d'estudar aqui as febres palustres de que succumbiu esta mulher.

Q'ero hoje fazer-lhes notar sómente as lesões que se podem observar como consequencia d'esta doença. Estas lesões limi-

tam-se quasi sempre aos tecidos do epithelio, o que tende a provar que a causa determinante da febre actua primitivamente nas cellulas epitheliaes geradoras. Consistem na alteração e hypertrophia dos tecidos glandulares; resultam da inflamação e das modificações sobrevindas na estrutura e nas funcções das superficies mucosas, epidermicas e serosas. Todas as outras manifestações anormais são, pois, symptomaticas d'estas ou resultam d'alterações anteriores. As diversas glandulas da economia pertencem com certeza ao tecido epithelial e são formadas o mais das vezes de cellulas epitheliaes geradoras. A rapidez e extensão das alterações d'estes tecidos parece estar em relação com a sua importancia. De todas as lesões observadas nos casos seguidos de morte, são as do baço e do figado as mais frequentes.

Assim, vejamos, os senhores, no caso submettido ao nosso estudo: o baço augmentou enormemente de volume e de consistencia, peza quasi sete libras, e o tecido, alterado e amollecido, expandiu-se pela cavidade abdominal. E' friavel; o interior compõe-se d'uma massa polposa d'um vermelho escuro, no meio da qual se acham porções formadas de fibrina, de côr mais clara...

Ao mesmo tempo que dizia isto, o doutor mettia os dedos no ventre do cadaver, cortava um pedaço de carne negra e ensanguentada e apresentava-a aos discipulos.

O cadaver era d'uma mulher.

Apesar da horrivel ferida da autopsia, via-se que essa mulher devia ter sido adoravelmente bella. As carnes nuas, que a morte não tivera ainda tempo d'azular, destacavam-se, salientes d'alvura, sobre o marmore negro da meza. A pureza das linhas, a curva graciosa, que a febre não podera quebrar, o avelludado da pelle, a delicadeza das articulações, a forma perfeita dos braços e das pernas inspiravam, contra sua vontade, pensamentos philosophicos sobre a fragilidade e o nada das cousas humanas. Os cabellos, d'um preto retinto, longos, espessos, emolduravam com os seus anneis um rosto de perfil admiravel e pareciam servir de travesseiro sedoso ao seu somno eterno. Ali estava, com um sorriso sereno e continuo, os olhos de longas pestanas que lhe sombreavam as faces, cerrados para sempre, os labios d'um desenho tão correcto, fechados para nunca mais se abrirem! Devia ter morrido no completo desenvolvimento da belleza,ahi pelos trinta annos.

Como é que, então, ninguem viera requisitar o direito de a enterrar! Ninguem quiz arrancar este cadaver ás mutilações do theatro anatomico! Não havia então n'este mundo quem amasse este primor de belleza?... Ninguem?

Era uma prostituta de baixa esphera, vinda d'uma casa publica dos bairros retirados. Não se sabia mesmo com certeza se o estado civil, dado por ella, seria veridico.

O doutor continuava, remexendo sempre com o escalpello:

—Chamo ainda a sua attenção para o pancreas: endureceu e apresenta o aspecto d'um tecido cirroso; a mucosa do estomago, do duodeno e do intestino delgado, está atacada da mesma maneira. As glandulas mesentericas estão igualmente hypertrophias...

N'este momento entrou, o preparador do theatro, e, aproximando-se do doutor, entregou-lhe uma carta.

Pousou-a, sem a abrir, perto d'elle, no canto da mesa de marmore, e ia proseguir na demonstração.

O sobrescripto de papel amarello, como os de que se usa nas administrações, figurava encerrar um objecto de certo volume que o enchia até aos cantos. Dizia estas palavras.

«Ill.^{mo} sr.

Dr. Paulo Lebrun

Medico, director do hospital...

O preparador, vendo que o doutor não abria a carta, ajuntou:

—A pessoa que me entregou isso, espera no gabinete de v. ex.^a e pergunta se t.m resposta. Insistiu por tal forma porque v. ex.^a tomasse immediatamente conhecimento do conteudo, que me obrigou a vir interromper...

—Ah! fez o doutor.

E, introduzindo a ponta do escalpello n'um canto do sobrescripto, cortou a dobra superior e tirou algumas folhas de papel, todas escriptas.

Mas, ao mesmo tempo, um anelinho de osso, semelhante aos que se dão a moroicar ás crianças na dentição, saiu do sobrescripto, trazido por uma folha de papel, caiu na mesa, e saltou e rolou pelo chão.

O doutor deitára com ar impaciente os olhos para a carta.

—Oh! meu Deus! meu Deus! exclamou elle de repente.

Foi um suspiro, um suspiro dilacerante!

—Meus senhores, disse elle depois de um momento de silencio, a noticia que acabo de receber força-me a interromper immediatamente esta lição... Queiram retirar-se... A' manhã continuaremos...

E, sem sequer pensar em lavar as mãos manchadas de sangue, saiu da sala e correu para o gabinete.

Esperava-o uma mulher. A maneira de vestir, as «bellezas»

colladas ás fontes, a côr vermelha, a saquinha preta enfiada no braço, todo o exterior mostrava claramente a que classe ignobil pertencia.

—Foi a senhora que me trouxe esta carta? perguntou o doutor, ao entrar. D'onde vem? quem lh'a entregou? quando?

—Eu, senhor, sou empregada... pertencia a uma casa... perto da Escola Militar... e estava com a Irma... era a sua melhor amiga...

—Irma?

—A pessoa que me encarregou d'isso para o senhor, chamava-se Irma. Não sei se tinha outro nome, mas lá em casa só lhe chamavamos assim.

—Bem, e...

—Como eu era, entre todas as companheiras, a de quem ella gostava mais, e como tinha em mim muita confiança, quando entrou para o hospital...

—Ella entrou para o hospital?...

—Sim, senhor doutor, e já morreu.

—Morreu quando?

—Sim, senhor, e é por isso que lhe trouxe hoje essa carta... Quando entrou para o hospital, — porque, o senhor sabe, em casa não se podia tratar d'ella, e como o hospital não se fez para os cães,—disse-me:

—Já não tenho parentes, ninguem no mundo! Dou-te tudo o que possuo, as minhas roupas, tudo, com uma condição: é que, se eu morrer, has de ir, logo que saibas do meu fallecimento, levar esta carta ao dr. Lebrun, medico director do hospital, supplicando-lhe que a leia logo, logo. Prometti-lhe isso a chorar. Nós bem sabiamos todas que ella não voltaria, visto que estava atacada de más febres. E' por isso que, de todas as vezes que eu saia, vinha saber noticias d'ella, e esta manhã soube que morrera ha tres dias e provavelmente agora já está enterrada. Comtudo, quiz cumprir a promessa que lhe fiz, e aqui estou.

O doutor escutava, com a cabeça escondida entre as mãos, cotovellos apoiados na escrevaninha. Estampara-se lhe na fronte e como que lhe punha o estyigma da maldição, uma gotta de sangue dos dedos. Inundavam-lhe as faces abundantes lagrimas, os labios esbranquiçados agitavam-se com tremores convulsivos e o corpo sacudia-se com os soluços.

A mulher olhava-o, admirada, perturbada, confusa, não se atrevendo a interromper o silencio.

—Era, disse-me agora mesmo, bluciu o doutor, a melhor amiga de... Irma... Falle-me d'ella, conte-me tudo o que sabe d'ella. Qual era a sua vida? as suas idéas? que confidencias lhe fez?

—Oh! senhor! pouco sei. N'aquellas casas cria-se rapidamente uma amiga d'entre as companheiras... tal e qual... sem se conhecerem. A gente aborrece-se tantas vezes ao dia, obrigada a não fazer nada! Irma só estava comosco ha tres mezes; vinha d'Orléans, creio eu... ou de Strasbourg, não me recorda ao certo. Sympathisámos logo uma com a outra, mas não fallavamos de nada... nunca do passado. E' muito triste, e isso impediria de se pensar na mocidade. Ella mesma não era alegre de natureza... era, quem sabe, a doença que a atormentava e a não deixava rir e brincar, como as companheiras. E' tudo o que posso contar-lhe d'ella...

—Obrigado, menina; agradeço-lhe muito o ter cumprido a promessa que fez a essa pobre criança.

E, pegando n'alguns luizes, quiz escorregal-os na mão da mulher, mas ella recusou obstinadamente:

—Oh! senhor, não fiz isto por dinheiro. Jurei, sustentei o juramento.

E saiu, enquanto o doutor se deixava cair na cadeira, diante da escrevaninha e, abrindo a carta, se poz a lê-la. As lagrimas correram novamente, incessantemente, sempre, durante a extensa leitura.

«Sou eu, querido Paulo, é a tua Bertha d'outro tempo que te escreve. Soffreu muito desde ha quinze annos; soffre muito ainda; os padecimentos physicos são intoleraveis; vae morrer, mas feliz, porque vae morrer ao pé de ti, á tua vista, vendo-te todos os dias sem que a possas reconhecer, e está certa de que lhe satisfarás o ultimo pedido, em recordação das dôres que lhe causaste, dôres que ainda assim te perdoa, porque te ama ao morrer, como te amava ha quinze annos.

«Lembras-te como começou o nosso amor? Tinha eu quinze annos apenas.

«Tinha quinze annos e era pura, casta e bella! Lembras-te como me dizias que era formosa... Já eras um homem serio; contavas o duplo da minha idade, mas os teus sorrisos, os teus olhos, o teu amor eram tão juvenis como eu. Trabalhâras tanto que não tiveras juventude. Fui eu que te dei a primavera!

«Minha avó tinha caído na rua, um carro esteve quasi a matá-la, fracturou-lhe uma perna. Passaste tu n'esse momento, medico, novo ainda, sem clinica, ajudaste a levantá-la e a trazê-la para casa.

«Foi a nossa primeira entrevista. Recordas-te? Amei-te logo depois. Depois das primeiras lagrimas vertidas pelo accidente da minha pobre avó, quando me deste a certeza, quando me affirmaste que nenhum perigo havia a recair, que devia unicamente armar-me de paciencia e de dedicação, olhei-te e admirei-te, ven-

do-te sereno, serio, pensando com uma habilidade extrema a perna fracturada, manifestando uma amabilidade, delicadeza e ao mesmo tempo um grande talento para reparar o mal.

«Como eras bonito!

«Voltaste no dia seguinte. Vinhas todos os dias, para ver os progressos da cura de que estava certa a tua aptidão; depois vieste por minha causa, vieste, porque me achavas bella, porque me amavas. Disseste-m'o, uma tarde, muito baixinho, no quarto da entrada, enquanto esperavamos que minha avó acordasse. Fiquei enleada, perturbada, mal sabia responder-te, mas tu adivinhaste o que não me atrevia a dizer-te. Estavamos encostados á janella, plantada toda por mim de flôres, d'onde viamos as arvores do Luxembourg baloiçarem-se com graça ao sopro da brisa crepuscular.

«Pensas algumas vezes n'essa tardinha tão amena, tão feliz, em que te amava tanto que esqueci tudo por ti, em que me amavas tanto que me acceitaste toda...?

«Não!... nunca mais pensaste n'isso, não é verdade?... Quando por acaso te vem esta lembrança, afastal-a, foges-lhe, porque essa lembrança d'amor é para ti d'arrependimento, um remorso.

«Um dia cançaste-te de mim, repelliste o entretenimento que tanto te agradara a principio e, sem perguntares a ti proprio se eu morreria, o que seria de mim, o que seria do teu filho, que eu trazia nas entranhas, fugiste, salvaste-te...



D. ANGELA KEMP SERRÃO

«Perdi a cabeça; tentei outra especie de trabalho. Vivi, comi pelo prazer! Fui mulher de toda a gente, mulher de quem queria rir, de quem queria divertir-se, de quem procurava um novo deboche... depois fui de quem me quiz!

«Até que um dia, o que me quiz era um ladrão, e quando foi mandado para as galés, prenderam-me.

«Não te conto isto, Paulo, para dizer que és tu a causa, mas para tratar de despertar no teu coração dó de mim, com o fim de que não recuses o ultimo pedido da que tu tiveste em primeira mão, da que te deu a virgindade da alma e do corpo, da que tanto te amou!

«Ao sair da prisão, que poderia eu ser, senão uma mulher publica?

«Entretanto sabia que eras rico, que casaras com uma senhora da alta sociedade, que eras um homem celebre. Vi-te passar algumas vezes no teu carro, com tua mulher, que é tambem formosa e que tem uns olhos tão meigos, com os teus dois louros filhos,—o pequeno parece-se com o nosso filho.—Se tivesse ido pedir-te que me tirasses do lodaçal em que me atolára, não é verdade que encontrarias no fundo do coração uma lembrança, que me salvarias, que me darias dinheiro, que me farias feliz?... Mas não quiz, tive medo d'ir levar a inquietação, um desgosto á tua vida; ter-te-hia manchado! Fiquei no meu lodo e lá morro!...

«Mas a morte purifica. A prostituta nada podia pedir-te; a defunta supplica-te um favor.



CHRISTINA DA SILVA

«Ah! chorei muito!

«Minha avó morreu com a minha deshonra! Não tinha mais ninguem no mundo para me sustentar, consolar-me, amar-me, dizer-me:—espera!... O nosso filho, o teu filho morreu pouco depois, aos dois annos! Não está melhor no céu do que na terra, diz? Conservei uma recordação d'elle, um brinquedo, um annelsinho d'osso. Disseram-me que lhe fazia bem, mordicando-o, para lhe abrandar as dores das gengivas, quando andava nos dentes. Foi então que elle morreu. Envio-te esse anel; nunca me deixou. Ao vê-lo, pensava na pobre criança e em ti!

«Queres que te conte a minha vida durante esses quinze annos, desde que me abandonaste? São lagrimas, muitas lagrimas e depois vergonha, degradação, lama,... enfim a abjecção!...

«Tornei-me mulher publica!... oh! não me queiras mal por isso, Paulo!... Não se chega a isso por vontade! Cae-se de queda em queda, de miseria em miseria, pouco a pouco, como quando se cae n'uma escada! Chegados ao fundo, choramos, mas não podemos deitar a mão ao corrimão...

«Quando fiquei só com meu filho, quiz ser boa mãe, trabalhar para viver, ser honrada. Tinha apenas pouco mais de dezesseis annos!... Oh! juro-te, tomei a peito essa vida; trabalhei noite e dia, passei noites a coser, para ao outro dia ter que dar a comer a meu filho. Mas não podia, acredita, era muito pezado para mim! Então, bem sabes, fiz como todos os miseraveis: pouco a pouco vendi e empenhei tudo o que a avó deixára á orphã... Um dia não havia mais que vender!... e meu filho morreu!

«Entrei para o hospital de que és medico director, estou na cama n.º 8.

Quando esta carta te fôr entregue, já terei fallecido. Ninguem saberá que te conheço, que te pedi coisa alguma e que m'a concedeste. Mand-te esta carta por uma pessoa de fóra, que ignora o seu conteúdo. Podes, portanto, fazer, sem te comprometeres, o que tanto ambiciono.

«Tenho um grande horror, um horror sem razão, estúpido, mas invencível, de ser, depois de morta, entregue aos estudantes para elles estudarem... Ninguem pode reclamar o meu cadaver, não tenho ninguem que se interesse por mim! Este favor que te peço é para ser salva do que considero a mais horrivel tortura. Só tens a dizer uma palavra para que me poupem o corpo, para que seja immediatamente sepultada.

«Di-la, sim, Paulo, e a que tanto te amou, abençoar-te-ha no tumulo!»

Pobre mulher!

TRAD.

XAVIER LEITÃO.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica